

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

MARIA BEATRIZ NOGUEIRA SAMPAIO

**Trabalho de campo e ensino:** A literatura de Carolina Maria de Jesus e Geografia

**Fieldwork and education:** Carolina Maria de Jesus literature and Geography

São Paulo

2021

MARIA BEATRIZ NOGUEIRA SAMPAIO

**Trabalho de campo e ensino:** A literatura de Carolina Maria de Jesus e Geografia

Trabalho de Graduação Integrado (TGI)  
apresentado ao Departamento de Geografia da  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências  
Humanas, da Universidade de São Paulo, como  
parte dos requisitos para obtenção do título de  
Bacharel em Geografia.

Área de Concentração: Geografia Humana

Orientador: Prof. Dr. Eduardo D. Girotto

São Paulo

2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S192t Sampaio, Maria Beatriz Nogueira  
Trabalho de campo e ensino: A literatura de  
Carolina Maria de Jesus e Geografia / Maria Beatriz  
Nogueira Sampaio; orientador Eduardo Donizeti  
Giotto - São Paulo, 2021.  
43 f.

TGI (Trabalho de Graduação Individual)- Faculdade  
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da  
Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia.

1. Trabalho de Campo. 2. Literatura. 3. Ensino. 4.  
Interseccionalidade. I. Giotto, Eduardo Donizeti ,  
orient. II. Título.

Dedico este trabalho aos meus pais, que com amor, sensibilidade, carinho e compreensão me permitiram a elaboração e conclusão deste trabalho.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Prof. Dr. Eduardo Giroto, pela atenção e apoio durante o processo de definição e orientação, não somente no TGI, mas nas experiências da Semana de Geografia e PIBID.

À Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, pela oportunidade de realização do curso.

Aos meus pais, Lucinete e Damião, por compreenderem e apoiarem as minhas escolhas, por me permitirem trilhar caminhos nos quais eu acredito e por estarem dispostos a compartilhar das alegrias, surpresas, tristezas e dúvidas da vida sempre com uma palavra amiga e acolhedora. Nenhuma das minhas conquistas - que a cada dia se tornam nossas conquistas - seria possível sem o auxílio imensurável de vocês, sem as muitas renúncias realizadas em passados distantes e outros nem tanto, e que me ensinaram e não hesitaram em sempre ser e estar com amor, coragem e verdade. Amo vocês!

Aos amigos que a graduação me deu, Giovanna, Daiane e Anésio que nos caminhos da Geografia ou fora deles a gente continue estabelecendo parcerias duradouras e espalhando afetos. As amigas de antes da graduação, Raquel e Larissa (Bacon), por trazerem respiro aos dias de caos e pelo compartilhamento de dicas sobre a vida acadêmica. Aos amigos de toda a minha vida, Bia e Gilson, por acreditarem mesmo quando tudo não dava certo, por inspirarem, por divertirem, por me acolherem em Minas Gerais, pelas revisões, por tudo. Como diz Emicida e Zeca Pagodinho “Quem tem um amigo tem tudo!”.



## RESUMO

SAMPAIO, Maria Beatriz Nogueira. **Trabalho de campo e ensino:** A literatura de Carolina Maria de Jesus e Geografia. 2021. 30 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

Elaboramos este trabalho a partir da literatura de Carolina Maria de Jesus, em Quarto de Despejo, e das relações possíveis entre ensino de Geografia e Literatura. Para tal entendemos a importância do trabalho de campo como um princípio da formação do estudante de geografia no ensino básico, bem como essencial para compreensão das dimensões interseccionais que atravessam a obra e, também, a vida dos estudantes. À medida que evoluímos na leitura da obra identificamos elementos da construção da sociedade que permaneceram, indicando uma série de continuidades em aspectos de gênero, classe e raça, bem como, e felizmente, elementos que foram atenuados ou tiveram avanços. A partir disso, elaboramos um plano de aula que contempla o diário de Carolina e propõe a análise das trajetórias sócio-espaciais dos estudantes por meio de um trabalho de campo que identifique as problemáticas da reprodução do espaço urbano e do racismo, tentando uma aproximação ao que Carolina e a Geografia entendem por Lugar, conceito norteador da obra e da proposta de sequência didática.

Palavras-chaves: Trabalho de Campo; Literatura; Ensino; Interseccionalidade;

## ABSTRACT

SAMPAIO, Maria Beatriz Nogueira. **Fieldwork and education:** Carolina Maria de Jesus literature and Geography. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

Was elaborate from the literature of Carolina Maria de Jesus, on Quarto de Despejo, and from the possible relations between teaching of Geography and literature for such we understand the importance of the fieldwork as the begin of formation for the geography student on basic education, As well as essential for understanding of dimensions intersection going through the book and the life of students. As far as we evolve in reading of the book, we identify elements of society building that stood, Pointing a series of continuity on aspects of the gender, class, race, as well as, and fortunately, elements that were attenuated or had some advance. From this we elaborate A class plan that behold the diary of Carolina and propose an analysis of socio-spatial trajectories of students by a field work that identify the problems of reproduction of urban space and racism, trying an approximation by what Carolina and Geography understand by place, guiding concept of the work and the didactic sequence proposal.

Keywords: Fieldwork, Literature, Teaching, Intersectionality.



## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1	Sequência Didática	39
----------	--------------------	----

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 Trabalho de campo, espaço urbano e ensino de geografia: uma perspectiva interseccional.....</b>	<b>14</b>
<b>3 Carolina e Quarto de Despejo</b>	
3.1 De Bitita a Carolina Maria de Jesus.....	22
3.2 Principais temas abordados na obra.....	25
3.2.1 A interseccionalidade em <i>Quarto de Despejo</i> .....	27
3.3 Diálogo com os temas e o ensino de geografia.....	30
<b>4 Proposta de sequência didática e trabalho de campo.....</b>	<b>34</b>
4.1 Trabalho de campo: Trajetórias sócio-espaciais.....	38
<b>5 REFERÊNCIAS</b>	

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho de graduação individual pretende investigar a importância do trabalho de campo no ensino de geografia. Buscamos compreender, defender e propor a prática do trabalho de campo na geografia escolar, concebendo-o como um princípio para a formação dos estudantes na escola. Para tal, conciliaremos a literatura de Carolina Maria de Jesus em sua obra *Quarto de Despejo* e toda as problemáticas contidas nos anos 1960 e suas continuidades no contexto atual, explorando assim, temáticas como a produção do espaço urbano, questões de raça, gênero e classe, e da própria relação entre ensino de geografia e literatura por meio do trabalho de campo.

Demarcaremos a importância do trabalho de campo no ensino como maneira de se colocar e apreender a realidade circundante, por meio da associação à literatura de Carolina no contexto da conceituação geográfica, demarcando também, que a obra em si, não tem como mote os aspectos interseccionais de classe, gênero e raça, mas que na atualidade essa interpretação é coerente e necessária quando pensamos as relações que produzem o espaço urbano.

Desse modo, estabelecemos que ensino de geografia e trabalho de campo estarão em confluência nessa pesquisa de modo que revelemos a importância desses elementos na construção do processo de ensino-aprendizagem geográfico.

Entendemos que o trabalho de campo é parte fundante do conhecimento geográfico e da formação dos estudantes na educação básica, e precisa ser encarado como tal por professores e alunos. De mesma maneira, resolvemos trazer um livro que é um relato autobiográfico e que completa 60 anos de sua primeira publicação, para exemplificar as questões levantadas acima, de modo a suscitar debates que ilustrem e relacionem as continuidades possíveis de observação nos tempos atuais.

A escolha de *Quarto de Despejo*, parte, sem dúvida, do apreço pela história contada por Carolina Maria de Jesus, mas também pelas possibilidades de desenvolvimento e compreensões que ela permite. Esse interesse surgiu na disciplina de Geografia Urbana quando trabalhávamos as noções de formação do espaço urbano, cidade e urbano da cidade de São Paulo. Nas aulas e no trabalho final da disciplina percebemos o quão importante era pensar São Paulo, seus personagens-reais e suas transformações dentro da sala de aula, propondo um encadeamento de

aulas que permitissem a compreensão de categorias e conceitos de Geografia, mas também de diferentes realidades.

Apesar desse primeiro encantamento com *Quarto de Despejo* deixamos a possibilidade de trabalhar essa obra um pouco distante e enveredamos pelos caminhos das relações étnicas – raciais no âmbito da saúde da mulher e da maternidade. Em um primeiro momento, as temáticas podem parecer distantes, mas a verdade é que para entender algumas situações cotidianas que Carolina passou era preciso antes entender de violências: daquelas diretas e provocadas intencionalmente e daquelas as quais chamamos de simbólicas. Foi preciso antes, sem que algo tivesse sido planejado, aprender sobre biopolítica e necropolítica, conceitos do Michael Foucault e Achille Mbembe, que nos ajudam no caminho da compreensão da vida, das condições para a vida e para a morte.

A Geografia, como sabemos, permite que tenhamos os trabalhos de campo como parte da formação na graduação, entretanto esse aspecto da ciência pouco é discutido ou acionado no cotidiano da educação básica, pelos mais diversos motivos. Foi assim, então, que pensamos na temática da literatura de Carolina associada ao trabalho de campo para a educação básica, enquanto forma de fazer-se cumprir um direito legal dos estudantes e uma premissa do conhecimento geográfico.

A literatura se apresenta aqui como um facilitador das percepções da geografia em campo, já que, estando em contato primeiramente com as sensações provocadas pela leitura e, posteriormente, pelas observações em campo o aluno teria a chance de perceber as muitas camadas que envolvem o diário da autora e, também, as suas próprias narrativas, traçando pontos que convergem e outros tantos que divergem, ou mesmo, reconhecendo as narrativas de Carolina na vida de diferentes pessoas do círculo de convivência.

Nesse entendimento, o trabalho de campo era uma proposta do Trabalho de Graduação Individual, voltado a discussão da obra *Quarto de Despejo*, entretanto, em virtude do contexto de pandemia do COVID-19, não será realizado. Para que o fio condutor desse trabalho não se perca será proposto uma sequência didática que demonstre os conceitos, categorias e recursos que seriam observados e discutidos em campo, como uma maneira de diluir os impactos da não-realização, mas que acabam também por transformar-se alternativa de proposta didática.

Dessa forma, optamos por iniciar o TGI com a conceituação de trabalho de campo com a qual nos identificamos, bem como a importância dessa temática nas

discussões da geografia urbana e no ensino de geografia, alinhadas a uma perspectiva do debate interseccional. A partir desse momento, colocamos em pauta a obra e a autora, bem como as interfaces possíveis de estudo com a geografia. Por fim, propomos uma sequência didática baseada no conteúdo do livro Quarto de Despejo e o ensino de geografia com o trabalho de campo como mote.

## **2. Trabalho de campo, espaço urbano e ensino de geografia: uma perspectiva interseccional**

O trabalho de campo é um importante princípio na formação do geógrafo-professor e precisa ser encarado também como essencial na formação do sujeito e do aluno ainda na educação básica. Um trabalho de campo realizado no âmbito da cidade acende debates que circundam o modo de vida urbano e seu cotidiano, encarado por grande parcela da sociedade, pois é também nesse espaço que se expressam as contradições e desigualdades de modo mais contundente.

No processo da revisão bibliográfica duas foram as principais linhas encontradas: o trabalho de campo como instrumento e o trabalho de campo como metodologia. Na primeira linha, Lylian Coltrinari entende o trabalho de campo como instrumento que permite a análise e apreensão da realidade. Já, na definição de Dirce Suertegaray o trabalho de campo surge uma metodologia que possibilita o olhar, a buscar pelo entendimento da realidade (2002), utilizando o verbo '*campear*', que representa a construção do conhecimento no processo que vai do pré-campo ao pós-campo.

Sendo o trabalho de campo uma possibilidade de ensino-aprendizagem é possível que implique mudanças no olhar e na percepção dos alunos e dos professores, porque o campo se apresenta não como um fim, mas como um meio fincado no espaço urbano no qual os processos se desenvolvem "[...] Independentemente do recorte geográfico abrangido, trata-se de um sistema mundo do qual fazemos parte. Tanto ele nos transforma como podemos transformá-lo." (SUERTEGARAY, 2002).

Embora ambas as classificações aqui apresentadas sejam corretas e amplamente divulgadas, nenhuma delas expressa a importância do trabalho de campo no ensino-aprendizagem que vai da educação básica à Universidade. Nesse sentido, este trabalho está direcionado a se ater ao trabalho de campo como um princípio da formação do sujeito, do aluno e do cidadão. A palavra princípio significa o 'início de algo', 'aquilo da base' ou ainda 'raíz'. Por esse significado e transpondo ao que os trabalhos de campo significaram para a construção da ciência geográfica e para o que significa na estrutura e desenvolvimento desse trabalho esse será o posicionamento adotado. Para tal recorreremos à compreensão do geógrafo Elise Reclus, exposta no texto de Amir El Hakin (2014), no que ele chama de 'estudos de

campo' na educação básica. Reclus buscou, em sua teoria anarquista, afastar-se dos manuais da geografia clássica até então empregados nas salas de aula, propondo os estudos de campo. A professora Nídia Pontuschka (2009,) associa essa adesão aos estudos de campo como parte da formação do senso crítico, levando em consideração a localidade da escola e o contexto inserido.

Aliada a compreensão da professora Nídia e as contribuições de Reclus ao ensino de geografia, é possível entender o trabalho de campo como princípio, quando esse apresenta a realidade, colocando os alunos frente aos processos que compõe a sociedade, às transformações, às possibilidades de indagações e respostas para o cotidiano. Esse movimento de compreensão do contexto que envolve a escola, o bairro, a cidade, as relações comerciais, econômicas, políticas, sociais e raciais, e que passa também pelo reconhecimento do próprio sujeito incorporado nessas relações e do seu lugar no mundo, só é possível pela observação que o trabalho de campo propicia. Todo estudante tem direito a esse princípio da educação geográfica como fator fundante e consolidador de conhecimento. Nessa perspectiva, defendemos aqui o trabalho de campo para a educação básica como um direito que não pode ser negado ou negligenciado, sendo imprescindível a apropriação do campo como parte do processo de ensino-aprendizagem.

No momento em que assumimos esse posicionamento, nos defrontamos com muitas dificuldades ou impossibilidades da realização de trabalhos de campo na educação básica, mesmo que estejam garantidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), ainda no ciclo básico, inclusive, como meio da compreensão global do conhecimento geográfico iniciado no Ensino Fundamental I, em trechos como o que segue

[...] É fundamental, assim, que o professor crie e planeje situações nas quais os alunos possam conhecer e utilizar esses procedimentos. A observação, descrição, experimentação, analogia e síntese devem ser ensinadas para que os alunos possam aprender a explicar, compreender e até mesmo representar os processos de construção do espaço e dos diferentes tipos de paisagens e territórios. Isso não significa que os procedimentos tenham um fim em si mesmos: observar, descrever, experimentar e comparar servem para construir noções, espacializar os fenômenos, levantar problemas e compreender as soluções propostas, enfim, para conhecer e começar a operar com os procedimentos e as explicações que a Geografia como ciência produz. (1998, p. 77)

[...] O estudo do meio, o trabalho com imagens e a representação dos lugares são recursos didáticos interessantes pelos quais os alunos poderão construir e reconstruir, de maneira cada vez mais ampla e estruturada, as imagens e as percepções que têm da paisagem local,

conscientizando-se de seus vínculos afetivos e de identidade com o lugar no qual se encontram inseridos. (1998, p. 88)

O trabalho de campo se mostra como essencial para a construção de sujeitos críticos, autônomos, reflexivos, cidadãos, solidários e enquanto educadores e alunos, temos que aprender a valorizar e defender a prática de campo na Geografia, pois demonstraremos a dimensão das transformações que o campo pode causar no ensino e no sujeito.

Diante da importância do trabalho de campo, procuramos pensar nas temáticas que atravessam a obra e a cidade de São Paulo, evidenciamos mais um eixo da constituição desse trabalho: o espaço urbano como pano de fundo das relações interseccionais em *Quarto de Despejo*.

O espaço urbano é resultado de muitos agentes e ações e expressa as dinâmicas da economia, da política e das relações sociais, bem como suas contradições, materializadas nas desigualdades diversas e nas segregações socioeconômicas. As dinâmicas aqui pontuadas são, também, resultado das contradições expressas a partir do debate racial.

A obra *Quarto de Despejo* tem o apelo do debate de classe e por isso assumimos essa perspectiva na produção do espaço urbano, entretanto outras duas questões se colocam como centrais: o debate de racial e de gênero. Para explicar a dinâmica desses três componentes, estabelecemos diálogo com a interseccionalidade, de modo a chegarmos na compreensão dos atravessamentos do racismo, capitalismo e machismo na vida e obra de Carolina Maria de Jesus, assim como na produção do espaço da São Paulo do século XX que reverbera no século XXI.

A interseccionalidade é uma ferramenta teórico metodológica teorizada pela advogada Kimberlé Crenshaw, na conjuntura das leis antidiscriminação nos Estados Unidos, ainda nos 1980 em que explica

[...] trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (CRENSHAW, 2002, p. 7)

Portanto, a advogada teoriza sobre a interseccionalidade como um conjunto de subordinações que se sobrepõe sobre os corpos negros. A interseccionalidade



carrega dilemas da vida que perpassam a sexualidade, as origens, a etnia, condição física, idade, entre outros.

No Brasil, a mestra Carla Akotirene, no livro *O que é interseccionalidade?* apresenta as origens dessa ferramenta associadas ao feminismo negro, pois são as mulheres negras as mais passíveis dos efeitos devastadores da reprodução e manutenção das estruturas vigentes. A partir da compreensão de que a interseccionalidade propõe o cruzamento das estruturas opressoras dominantes na vida de Carolina, assim como no desenvolvimento da cidade, é possível entender que a formação da favela não é espontânea, que o trabalho precarizado de catadora não é por acaso e, ainda, que o corpo negro de Carolina exposto não é mero acaso.

Nesse sentido, Renato Emerson dos Santos (2012, p.46) vai chamar de geografia simbólica-prática a presença dos corpos negros em determinados espaços, condicionadas às nuances que estão ligadas a expectativa sobre uma conduta ou prática a ser realizada. Isso é, a normalização da mulher preta na favela, com filhos, em um trabalho informal etc., que passa a fazer parte do cotidiano da leitura do espaço. De modo geral, não se analisa o contexto que levou a essas condições, atribui-se responsabilidade individual na ascensão ou descenso, desconsiderando que os fatores geradores são agressivos e se alimentam justamente dessa apreensão de realidade.

Retomando a bibliografia temos como destaque os textos da professora Ana Carlos Fani (2013) sobre a formação do espaço urbano e Abraão Pustrelo Damião (2014), que convergem no entendimento dessa temática a partir do debate de classes e da atuação do sistema capitalista. Em contraponto, pensaremos em uma análise geográfica do espaço urbano que inclua mulheres e homens negros e negras, tal como a produção de Carolina, que consegue exprimir o histórico dessa presença - hoje velada - em São Paulo, corroborando com a falta de expressividade advinda da contribuição negra no histórico da cidade, expressando assim a (des) territorialidade dos corpos negros na cidade.

Ao longo do processo, buscamos pontuar que o debate da luta de classes e o sistema capitalista expressam suas dominações no espaço da cidade, na diferenciação do poder aquisitivo entre pessoas, seja na espacialidade das moradias, na criação do que Carolina chama de 'cidade' e 'favela', na concentração de poder e na reprodução dessas desigualdades sociais no espaço da cidade. A formação do espaço urbano aqui proposta coloca esses fatores sob o acréscimo da questão racial,

o marcador físico de Carolina, enquanto negra retinta, e o marcador de gênero, pela figura da mulher. Nessa conformidade, as estruturas capitalistas e patriarcais se alinham às capitalistas e aprofundam os efeitos do racismo estrutural alimentando as desigualdades e a segregação socioespacial.

Mais de 60 anos separam a primeira publicação de Quarto de Despejo do momento presente e a realidade revela fatos que se estabeleceram com certas continuidades e descontinuidades. Quando Coltrinari diz que o trabalho de campo é apreensão da realidade (1998), imagina-se que sejam de diferentes realidades, ainda que situações apresentem realidades muito parecidas com a do século passado, de modo que os personagens e dinâmicas agem na transformação do espaço continuamente. Exemplo disso é a percepção que vivemos não só a reprodução dos espaços segregados, mas também dos corpos negros segregados. Esses mesmos corpos marginalizados são mantidos pela estrutura do racismo estrutural, que assegura a deficiência das estruturas e organizações na superação do racismo nas relações.

Partindo dessa concepção entendemos o que o racismo é sistêmico, isso é, não se apresenta apenas em atos isolados e direcionados, mas em um “[...] *processo* em que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas.” (ALMEIDA, 2019, p. 24). O racismo estrutural a que somos expostos envolve, segundo Silvio Almeida, três dimensões da vida cotidiana: a economia, a política e a subjetividade, isso é, as relações, a estrutura e o funcionamento da vida, de modo a, muitas vezes, ser interpretado em um contexto de normalidade, ainda que anormal se pensarmos que este processo carrega significados múltiplos de discriminação.

Nesse sentido, podemos pensar na reprodução dos fenômenos abordados por Carolina, associados ao conceito de rugosidades de Milton Santos

Chamemos de rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos. (SANTOS, 2012: 140).

Assim, nos interessa também compreender como as situações relatadas no livro, como a pobreza, o racismo, a segregação social ainda estão presentes em nosso tempo. De que modo esses resultados se apresentam, considerando as mudanças

que possam ter ocorrido? As continuidades são resultado dos acúmulos dos fenômenos que acabam por associar o tempo passado (de Carolina) e o tempo presente.

A análise dos aspectos dispostos na literatura de Carolina são geradores de olhares para as multifacetadas e multiescalas do atual momento, quando observadas referenciadas no passado, com a finalidade de contribuir para o entendimento do contexto social e espacial ao qual somos sujeitos participativos. Mais uma vez é importante ressaltar a importância do trabalho de campo, pois a partir dessa dinâmica que será observada e analisada, a formação do espaço urbano sob a ótica racial atravessada pelos aspectos de classe e gênero, sendo possível perceber a disposição espacial das favelas, dos corpos que compõem essas favelas, assim como identificar esses dois elementos dentro do debate racial e de gênero, amparados pelo marcador de classe no que apresentamos e discutimos acima como interseccional.

Tendo em vista os aspectos acima mencionados, expressões da produção do espaço urbano por meio de raça, classe e gênero, o trabalho de campo visa problematizar as continuidades e descontinuidades da produção do espaço urbano, as rugosidades das estruturas, os movimentos e as transformações por quais passamos e nas quais fundamos a cidade, pois, há um aspecto que nos reposiciona enquanto fruto e reprodutores dessas dinâmicas regidas pelo capitalismo, patriarcado e pelo racismo.

Dessa maneira, entendendo os caminhos pelos quais pretendemos passar e como nos posicionamos, chegamos ao encontro desse enredo com o ensino de geografia, seu potencial e as possibilidades da relação de literatura, produção do espaço urbano a partir de classe, gênero e raça em uma leitura geográfica.

O ensino de geografia para a formação do sujeito requer que pensemos qual ensino e que tipo de formação é essa que esperamos. Assim, pressupomos um ensino de geografia que colabore para o pensamento crítico, autônomo, reflexivo, cidadão, de solidariedade e empatia parte de dois pilares: a formação do professor e do espaço escolar. Esse sujeito precisa ser formado por meio de uma geografia que expanda o olhar do aluno. Dentro das possibilidades deste projeto, analisar as características do racismo, as faces da desigualdade e as consequências da segregação serão condicionantes para um entendimento da realidade.

Para que possamos atingir esses objetivos, a literatura pode se uma preciosa aliada da geografia, pois com ela permite-se enxergar as sinuosidades da realidade. Assim

A literatura pode ainda cumprir um papel de transformar o mundo, mostrando o mesmo como ele é, denunciando desigualdades ou mostrando como ele deveria ser. A literatura teria ainda o poder de disseminar representações de mundo que reafirmam ou refutam a ideologia dominante, possuindo assim, um papel político (CARVALHO, 2019, p. 135).

Na tentativa de compreender a obra, duas serão as concepções metodológicas: o materialismo dialético e a fenomenologia. Nesse momento buscaremos exemplificar os diferentes usos das concepções a partir do conceito de Lugar que possibilita dupla abordagem e auxilia na contextualização da obra e na compreensão da produção do espaço urbano.

Aspectos da produção do espaço urbano e da reprodução podem ser explicados a partir do materialismo dialético, que se baseia justamente na análise a partir das contradições apresentadas no curso da história relacionadas à produção material, tal como comenta a professora Cristina Maria Costa Leite, em uma análise mais direta e ‘racional’.

Na perspectiva do materialismo o conceito de lugar é indissociável e decorrente do conceito de espaço geográfico. Esse é compreendido como uma produção social, um resultado, um produto do trabalho da sociedade em cada momento histórico. (LEITE, 2018, p. 3).

Se pensarmos em consonância com o conceito de rugosidades de Milton Santos, à medida que compreendemos o dinamismo da história, esse será incorporado às transformações nos mais diversos espaços e tempos da sociedade. Por outro lado, a obra de Carolina explicita um tom de sentimento (até por ser um diário) e relacionamento com o espaço, do qual a fenomenologia pode apropriar-se. Quando a autora expressa como se sente na favela e na cidade, o conceito de lugar, sob o viés fenomenológico fica evidente e transmite ao leitor a sensação da experiência vivenciada, corroborando com o pensamento de Leite (2018) no qual a subjetividade passar a ser incorporada nas análises das relações entre o homem e o

espaço, levando em consideração as manifestações afetivas e de identidade que possam ser estabelecidas.

Ambos os métodos são possíveis de explicar a obra em determinados momentos e as múltiplas possibilidades podem ser exemplificadas. Assim para o materialismo dialético o lugar não se explica por si mesmo, o lugar é multiescalar, e sua interpretação parte de perspectiva da compreensão global e local, enquanto para a fenomenologia a subjetividade, a afetividade e as relações construídas por homens e mulheres são relevantes e findam na construção de significados.

A proposta desse trabalho é que se aliem o materialismo dialético e a fenomenologia e passemos a uma síntese das duas concepções de análise para *Quarto de Despejo*, de modo que um possível resultado seja a compreensão das temáticas da obra orientadas ao ensino de geografia e ao trabalho de campo.

### 3. Carolina e Quarto de Despejo

#### 3. 1 *De Bitita a Carolina Maria de Jesus*

O livro de Carolina Maria de Jesus, que norteia as reflexões deste trabalho, foi publicado em 1960, com ajuda do jornalista Audálio Dantas, sendo um grande sucesso na época, traduzido para muitos idiomas e replicado nas rádios, teatros e televisões. Para entendermos a escolha da obra é preciso antes que conheçamos o contexto social e político pelo qual a autora transitou, uma vez que são importantes para a compreensão das problemáticas da obra.

Carolina nasceu em 14 de março do ano de 1914, na cidade de Sacramento, no sudoeste mineiro. Bitita, como era chamada ainda na infância, esteve sempre na presença da mãe Maria Carolina de Jesus, ‘Dona Cota’. Carolina aprendeu a ler e escrever no Colégio Allan Kardec em um período bastante curto entre 1921 e 1923, incentivada por uma mantenedora, em virtude de sua inteligência e dos questionamentos constantes que atormentavam Dona Cota. Em seu período no colégio “tornou-se aluna aplicada e disciplinada” conforme cita Tom Farias (2018) na biografia da autora.

A saída do colégio se deu em virtude da mudança de cidade causada pela oferta de trabalho a sua mãe, que diante das mais variadas dificuldades financeiras aceitou a proposta para criar Bitita e outro filho. Apesar do trabalho exaustivo na lavoura, após 4 anos trabalhando na terra foram todos dispensados e tiveram que retornar a Sacramento, e como diz o autor, chegaram piores do que quando saíram.

Muitos foram os períodos de idas e vindas de Carolina e sua mãe pelas cidades do interior paulista e em Sacramento, Minas Gerais, sendo que nesta última, após a prisão injusta e espancamento de ambas, decidiram mudar-se definitivamente de Sacramento, passando a trabalhar como empregadas domésticas nas casas em outras cidades. Entretanto, a situação de ambas permanecia precária, moravam de favor em um circo ou na casa das patroas. Carolina não era afeita a esse trabalho e constantemente estava desempregada. Segundo os relatos, discutia com as patroas que cobravam dedicação, organização entre outras coisas, enquanto ela preferia se dedicar a escrever versos. Nessa situação de pobreza e dificuldades, ambas conheceram a penúria da vida e do trabalho doméstico. Até que Carolina recebeu a proposta de trabalhar em São Paulo, partindo de Franca em 31 de janeiro de 1937.

Seu primeiro ponto de parada foi a Estação da Luz e como era de se esperar encantou-se com o movimento das pessoas, com a pressa, a qual descreve

Nunca havia visto tantas pessoas reunidas. Pensei: será que hoje é dia de festa?" Fiquei preocupada com o corre-corre dos paulistanos. Olhares ansiosos, inquietos à espera das conduções. Uns empurrando os outros e ninguém reclamava, aquilo era normal? (FARIAS, Tom, p. 109)

Tão logo sentiu o encantamento veio o desencantamento pela cidade. Percebeu que estava sozinha, longe de sua mãe e irmãos de Sacramento e sentiu ainda mais as dificuldades impostas pelo ritmo da grande cidade. Decidiu então mudar-se para o Rio de Janeiro. Os registros da época não são muitos, mas Carolina esteve por lá de 1940 a 1942, quando apareceu em alguns jornais para divulgar as suas poesias, assim como fez em jornais da capital paulista. Nesse período passa a ser chamada de 'poetisa preta'. Retornando a São Paulo, Carolina volta a trabalhar como doméstica, mas enfrenta os mesmos problemas de convivência com os patrões e acaba por não continuar. Tem início aí a peregrinação por cortiços, despejos e temporadas nas ruas.

A obra passa a ser um diário de Carolina no período em que morava na Favela do Canindé, já extinta, que ficava na margem esquerda do rio Tietê. A criação dessa favela foi resultado da pressão de Carolina e de outras pessoas para que tivessem um espaço de moradia na cidade de São Paulo, isso porque nessa época os operários das indústrias paulistanas ficavam instalados nos cortiços e em albergues noturnos, e no caso de Carolina, quando essas alternativas não eram viáveis, ficavam nas ruas à mercê das intempéries do clima e da insegurança.

A conjuntura política de investimentos e modernização do Estado de São Paulo e da cidade permitiram a instalação da favela, isto é, o estabelecimento e doação dos lotes, ainda que em situações precárias, faltando o básico como o acesso a água ou a coleta de esgoto. Segundo a biografia escrita por Tom Farias, Carolina se instalou no Canindé por volta de 1948 e construiu sozinha o seu barraco, como ela própria chamava, recolhendo os restos das madeiras da construção da Igreja Nossa Senhora do Brasil.

Diante do contexto da obra, é possível perceber elementos que permitem a identificação de processos histórico-geográficos que culminam em situações do presente, tais como a expulsão dos negros e negras dos centros das grandes cidades e a formação de áreas conhecidas hoje como favelas. A história de Carolina se liga

às intensas migrações dos estados do Nordeste e de Minas Gerais nos anos 1940 e 1950 que, no limite, formaram aglomerações de residências desprovidas do mínimo de infraestrutura, tal como a Favela do Canindé, local de onde a autora escreve o seu diário.

Os processos de favelização e formação das periferias foram fomentados por ações higienistas e de urbanização, segundo padrões de arquitetura europeia que buscavam apagar a presença afro-brasileira na cidade de São Paulo do fim do século XIX até meados do século XX. O caso da cidade de São Paulo é expressivo, como indicam os autores Maria Ruth e Paulo Cesar no artigo *Habitação em São Paulo*, “[...] Relatórios produzidos por autoridades nos anos finais do século XIX apontavam para uma situação habitacional semelhante, enfatizando a precariedade dos cortiços infectos e insalubres que circundavam bairros centrais da cidade” (2003, p. 167).

Seguidos pela junção do poder público e privado, foram iniciadas mudanças no centro: “[...] a virada do século XIX para o XX ficou conhecida como um período de predomínio do higienismo e do sanitarismo, em que as autoridades, entre outras coisas, recomendavam a demolição de habitáculos, estimulando a construção de habitações fora do perímetro urbano” e ainda contando com a iniciativa privada “[...] a administração pública “não só delegava à iniciativa privada as providências relacionadas à ocupação do espaço urbano, como manifestava a intenção de ‘segregar’ a população trabalhadora em áreas distantes do núcleo central da cidade”, o que permitia aos empresários imobiliários daquela época atuarem livremente conforme seus interesses” no que, ao longo dos anos se concretizou como política de Estado para moradia, os conjuntos habitacionais.” (p. 167-168).

De fato, houve uma expulsão massiva dos moradores e trabalhadores do centro, em um processo contínuo que se reproduz de diferentes maneiras ainda no presente. Tomou lugar a São Paulo do desenvolvimento industrial e do imigrante branco. Percebe-se assim, que a cidade até então construída com e pelos negros até meados do início do século XX, começa a apagar os registros étnicos ali presentes e as favelas são um meio de afastar, física e simbolicamente, enquanto elementos de memória, as histórias negras. O distanciamento é proposital e culmina na constituição da cidade e das favelas hoje, nas distâncias estabelecidas, no tipo de moradia, e na continuidade de aspectos que Carolina, há quase 60 anos, expôs.

Quarto de Despejo não foi uma obra rapidamente aceita pela elite cultural e pela crítica. Em diversas publicações da época Carolina não era reconhecida como



escritora, porque escancarava os processos desumanizadores da vida e do espaço da Favela do Canindé, e como escreve Tom Farias “a ideia da miséria pela mão da miserável, impactou a sociedade” (2018, p. 241).

Esse desprezo da elite cultural é objeto de estudo da mestre em Letras, Letícia Pereira de Andrade (2008), que na dissertação relaciona o fato do diário não pertencer a nenhuma corrente literária e a figura da própria Carolina, enquanto mulher, semianalfabeta e preta, não ser consumida pela elite, estando durante anos às margens dos estudos de literatura acadêmicos.

O quadro para a aceitação começou a mudar quando Carolina passou a frequentar as rodas culturais com os intelectuais negros da época como Fernando Góes, Eduardo de Oliveira, Solano Trindade, entre outros, que reconheciam na sua obra a condição de negros, favelados e pobres da cidade de São Paulo, segregados pelas barreiras impostas pelos distanciamentos físicos e simbólicos aos quais estavam expostos.

### 3.2 Principais temas abordados na obra

De toda maneira, *Quarto de Despejo* é um retrato das múltiplas histórias, personagens e problemáticas do crescimento da cidade de São Paulo, da industrialização, da questão racial, da pobreza e das condições adversas que foi ser uma mulher preta solitária nesse período. Em primeiro lugar, porque Carolina revela uma questão importante sobre as pessoas que contribuíram para o desenvolvimento da cidade: na favela do Canindé e nos cortiços pelos quais passou, muitas pessoas são, assim como ela, migrantes de outras regiões do país. Em segundo lugar, porque esses homens e mulheres que dedicaram sua força física à sua própria sobrevivência por meio do trabalho para construir a cidade industrializada e acelerada, acabam recebendo em troca o afastamento dos serviços públicos, a falta de acesso ao básico de infraestrutura e no caso de Carolina, até mesmo, a falta do alimento.

Embora seja uma obra datada do século passado, as problemáticas incorporadas pela autora fazem parte da São Paulo dos dias de hoje. Não sem motivo *Quarto de Despejo* tem estado cada vez mais presente nas discussões dentro e fora da academia, pois apresenta algumas continuidades nos processos e dinâmicas da construção do espaço paulistano, bem como da reprodução e acentuação das desigualdades de classe, raça e gênero, e ainda em aspectos contidos nos conceitos e nas categorias de análise da geografia como ‘Lugar’. Nesse sentido, apesar do viés

literário da dissertação, a autora Letícia Pereira de Andrade (2008) nos leva a refletir acerca de conteúdos geográficos com os quais podemos dialogar, tal qual o ‘lugar’ e o ‘não lugar’ de Carolina. Ao passo que podemos nos perguntar ‘Qual o lugar dessa obra nos estudos geográficos?’ ou ainda ‘Em qual lugar desejamos inserir a obra?’.

Como dissemos no primeiro capítulo do TGI, esse processo de indagação acerca do conteúdo de Quarto de Despejo será realizado em duas frentes: formação do espaço urbano da cidade de São Paulo e do debate da interseccionalidade: gênero, raça e classe.

No tocante à formação do espaço urbano é importante salientar o momento do Brasil que vivia a industrialização de meados de 1950-1960 e a intensa migração, isso é, dois fatores que, quando analisados conjuntamente, indicam os personagens que compunham os miseráveis que trabalharam nas cidades e constituíram as favelas dos grandes centros. É nesse sentido, que a obra revela a condição de vida dos favelados, a miserabilidade, a decadência da administração pública nos serviços básicos, as próprias relações estabelecidas entre os moradores da favela, e também, a falta identificação de Carolina com a favela, em um processo de não pertencimento àquele espaço, sendo sempre carregado de palavras negativas, como no seguinte trecho “[...] Cheguei na favela: eu não acho jeito de dizer cheguei em casa. Casa é casa. Barracão é barracão[...].” (JESUS, 1960, p.47). Sendo o espaço urbano constituído de disputas e tensões, a favela é percebida por Carolina de Jesus como o lugar de não pertencimento, isso é, mesmo contida no urbano e na cidade, a favela se mantém distanciada (material e subjetivamente) e em oposição à produção do espaço e ao conteúdo produzido no cotidiano da cidade.

Em alguns momentos do diário, Carolina descreve sobre as pessoas da Favela do Canindé. Não chega a descrever características dos personagens moradores, mas as condições em que vivem, os acessos a água encanada ou ainda, a ajuda que recebe quando falta comida. Com a compreensão do histórico de São Paulo e com a própria trajetória de Carolina, não é difícil perceber que a maioria dos moradores eram negros. Em um trecho ela cita uma situação em que um homem identifica algumas crianças reunidas como filhos dela, ainda que apenas dois de fato fossem. Carolina é consciente da situação do negro brasileiro e em seu diário, datado em 13 de maio de 1958, escreve

Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos. [...] E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravidão — a fome! (1960, p. 32).

Por todo o período que viveu na Favela do Canindé, Carolina foi catadora de papéis e recicláveis em geral, o que não lhe garantia muito dinheiro, muitas vezes apenas o mínimo para sobrevivência dos seus filhos. A saída para o que ela chama de ‘cidade’ se estabelece num vínculo com as casas de alvenaria e com o conteúdo do que ela percebe como moderno e desenvolvido.

[...] Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo (JESUS, 1960, p.37)

A identificação com a cidade é vivenciada por meio do trabalho, talvez porque é através dele que ela tenta viver, e a favela, por não apresentar mínimas condições, é compreendida por ela como repulsiva e geradora de indignação.

Assim como nos relatos de Carolina, as favelas ainda são uma constante nas realidades das cidades brasileiras, e não seria diferente da realidade paulistana. Ainda que a Favela do Canindé esteja extinta, muitas outras ocupações surgiram por São Paulo e podem servir como ponto de observação das continuidades e descontinuidades de desigualdades e processos.

A obra de Carolina suscita temas até aqui explanados, tais como o racismo, machismo e as desigualdades de classe que compõe o conceito de interseccionalidade, as condições desiguais de acesso à cidade e aos equipamentos e infraestrutura de saúde, educação e cultura, além da presença constante da fome. Essa tríade permeia *Quarto de Despejo* e marca a desumanização constante da autora, que a todo momento é obrigada a lutar para sobreviver.

### 3.2.1 A interseccionalidade em *Quarto de Despejo*

Como dissemos mais acima, a interseccionalidade é um conceito que organiza e entende as opressões de gênero, classe e raça sobrepostas, portanto, essa é a força geradora de toda a trajetória de desigualdade de Carolina. Desde a infância à vida de adulta, a autora sofreu com as imposições de classe: na infância quando impedida de estudar, na adolescência e vida adulta obrigada a trabalhar como doméstica; já

enquanto mulher adulta, foi usada por homens; catadora de papelão muitas vezes destrutada; e quando escritora não reconhecida por sua obra.

#### Aspectos de gênero

Em muitos relatos do diário, Carolina cita mulheres e seus filhos, raramente ela cita homens, e quando os cita o adjetivo que os acompanha não é positivo. De toda maneira, é importante abordarmos a questão de gênero porque são as mulheres citadas por ela, que lhe dão alimentos e que de alguma maneira cuidam de seus filhos na ausência dela por conta do trabalho “...Fui na dona Julita ela deu-me pães.” (JESUS, p. 32) e ainda “Tive sonhos agitados. Eu estava tão nervosa [...] Tem hora que eu revolto comigo por ter iludido com os homens e arranjado estes filhos (JESUS, p. 87). A presença feminina na Favela do Canindé era expressiva. Carolina inicia muitos dos seus relatos reclamando do falatório na fila para encher a lata d’água ou das muitas desavenças entre as mulheres e seus filhos. Demonstra-se assim, a responsabilidade de cuidar das tarefas domésticas e dos filhos atribuída à mulher em um contexto ainda pouco promissor do trabalho fora de casa.

#### Aspectos do racismo

O racismo na obra *Quarto de Despejo* é abordado logo no início da obra, quando a autora faz uma referência ao dia 13 de maio, data da Abolição dos escravos, mas em uma perspectiva crítica, na qual a ideia de liberdade de homens e mulheres pretos ultrapassava a condição de escravizados, e se estendia em outros planos da vida. “E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura — a fome!” (JESUS, p. 32). Como podemos notar, a autora faz uma transposição do conceito de escravidão, deslocando-o para o momento fim da década de 1950. Carolina vai além quando questiona o porquê do racismo na sociedade norte americana quando seu poder de compra é questionado, fazendo com que ela sugira a diferença por conta da questão racial.

Fico pensando: os norte-americanos são considerados os mais civilizados do mundo e ainda não convenceram que preterir o preto é o mesmo que preterir o sol. O homem não pode lutar com os produtos da Natureza. Deus criou todas as raças na mesma época. Se criasse os negros depois dos brancos, aí os brancos podia revoltar-se. (JESUS, p.122)

Desse modo, percebendo que os resquícios da escravidão vão além da negação à liberdade do corpo físico, à matéria, mas, àquilo que constitui o corpo físico: a criação de memórias, a afetividade positiva, a casa, o acesso à escola, e, sem dúvidas, o alimento. Em outro momento, Carolina tem a percepção sobre o racismo

que dialoga com a escravidão, entretanto confere ao homem branco as responsabilidades de um ato racista, colocando-se contrariamente a atitude.

[...] Ele estava revoltado com um guarda civil que espancou um preto e amarrou numa árvore. O guarda civil é branco. E há certos brancos que transforma preto em bode expiatório. Quem sabe se guarda civil ignora que já foi extinta a escravidão e ainda estamos no regime da chibata? (108)

#### Aspectos de classe

O livro revela alguns aspectos de classe no cotidiano de Carolina, a falta de condições para adquirir roupas e calçados, a fome, o acesso à água potável e saúde, entre outros, entretanto é no aspecto da moradia que a questão de classe se revela latente. A contraposição descrita pela autora entre favela e cidade, barraco e casa, nos revela também as percepções sobre o bonito e o feio, a infraestrutura e a falta dela, dignidade, falta de afeto, e assim, no limite estamos tratando de sobreviver e viver.

[...] quando a gente perde o sono começa pensar nas misérias que nos rodeia. (...) Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. (JESUS, p. 58)

Dentre os aspectos de classe, apresentam-se dois fatores latentes: o acesso à cidade e a fome. É evidente que esses são aspectos que demarcam toda a obra e os espaços de Carolina, bem como os lugares e as vivências. Apesar da autora ir à cidade, estar em contato e trabalhar com pessoas da cidade, a corporeidade dela não é reconhecida como pertencente, como natural naquele espaço, enquanto na favela, o seu corpo e o cotidiano se aproximam de outros tantos, de modo que percorrem trajetórias muito semelhantes, quase de reconhecimento de pares, lutas e dores. Por esse motivo, Carolina escreve sobre a dualidade entre cidade e favela, descrevendo as diferenças estruturais e como ponto central, o desenvolvimento das desigualdades e perpetuação dos dilemas da mãe, mulher, preta, moradora da favela, afinal, é no barraco que se passa fome diariamente: “...Na minha opinião os atacadistas de São Paulo estão se divertindo com o povo igual os Cesar quando torturavam os cristãos [...] Os outros era perseguido pela fé. E nós, pela fome!” (JESUS, p.146)

A explanação dos temas da obra demonstra que as desigualdades no Brasil têm classe, raça e têm gênero demarcados: é pobre, é preta e mulher.

### 3.3 *Diálogo com os temas e o ensino de geografia*

A geografia que se pretende apreender a realidade precisa assumir certos compromissos de orientação conceitual e *Quarto de Despejo* é uma obra que contribui para uma compreensão mais totalizante da vida e do cotidiano de uma São Paulo de 1960, de modo a considerar e protagonizar a história de outro ponto de vista: dos favelados e pretos. Nesse sentido, entendemos que os processos descritos por Carolina podem ser relacionar ao ensino de geografia da educação básica, por mostrarem especificidades antes percebidas e relevadas ou simplesmente desconsideradas.

A título de exemplo, podemos relembrar a reprodução do espaço urbano na obra: a expulsão dos pretos e pretas do centro da cidade, o desmonte dos cortiços, a criação das favelas, a localidade às margens do rio Tietê. Mas a geografia urbana, que propõe análises acerca do espaço urbano, geralmente se concentra no debate de classe, segundo a geógrafa Fabiana Luz (2020), mas não se aprofunda para explicar com totalidade as relações urbanas, que também são raciais e de gênero, conforme analisamos.

Alguns estudos privilegiaram a segregação, outros, as questões de organização e de gestão da cidade, e muitos estudiosos preocuparam-se com a relação capital/trabalho. Contudo, existe uma quase total ausência de discussão que ligue as questões espaciais aos problemas étnico-raciais (CAMPOS, 2006, p. 23).

Com a ideia da criação de favelas para concentrar os pretos e pretas em outro momento expulsos do centro, percebemos que olhando para a atualidade temos uma manutenção do lugar de moradia de muitos deles. As favelas no Brasil são uma realidade bastante comum que dialoga com o conceito de rugosidades de Milton Santos, já que se mostra no espaço-tempo a perpetuação do descaso no tocante às habitações em São Paulo e no Brasil. Quando deslocamos as análises para o cenário do presente, percebemos que, segundo, a definição de Milton, o que ficou das favelas são novos arranjos espaciais, agora bem mais reconhecidos, mas nem por isso, melhor assistidos, ao mesmo tempo concentradores das desigualdades.

Levando em consideração dados do ano de 2015<sup>1</sup>, no Brasil, cerca de 12, 3 milhões de pessoas vivem em favelas, desse percentual, quase 67% são negros, uma média superior ao 55% que se autodeclaram pretos pela metodologia do IBGE. E ainda, das quase 6, 5 milhões de mulheres moradoras de favelas, quase 70% se declaram preta ou parda, sendo grande parte, também, mães e chefes de família. Não é difícil identificar ou reconhecer em histórias próximas ou mesmos nas nossas próprias histórias que muitas são as mulheres desse século que também são ‘Carolinas’.

Nesse sentido, mantém-se também a estrutura do racismo, que coloca negros e brancos em lugares diferentes ou mesmo opostos, em uma evidente continuidade do que Carolina escreveu nas suas comparações entre casa e barraco, cidade e favela, de modo que corrobora com a interpretação de Lélia Gonzales, no qual existe o lugar de branco e lugar de negro.

O lugar natural do grupo branco dominante são moradias amplas, espaçosas, situadas nos mais belos recantos da cidade (...) desde a casa-grande e do sobrado, aos belos edifícios e residências atuais (...). Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente da senzala às favelas, cortiços, porões, invasões, alagados e conjuntos habitacionais (...) o critério tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço (GONZALEZ e HASENBALG, 1982, p. 15).

Na mesma linha, podemos correlacionar esses dados ao Mapa da Violência<sup>2</sup>, que em suma, apresentou o racismo como fator fundante de ameaça a vida de jovens pretos e periféricos quando o filtro aplicado é de gênero e raça. A continuidade das desigualdades fomentadas pelo racismo, acaba, portanto, em refletir nos índices de violência por todo o país. A constante associação do fator racial à criminalidade, bem como a violências geradas nos espaços de poder, a qual chamamos de violências simbólicas, continuam a ocorrer e são tratadas como problemas menos graves. Mas sabe-se, que são essas “pequenas” violências, as forças geradoras e legitimadoras de outras tantas situações contra o corpo de homens e mulheres pretos.

<sup>1</sup> Fórum Nova Favela Brasileira. Disponível em: <[https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/AM/Anexos/Apresenta%C3%A7%C3%A3o\\_2%C2%BA%20Forum%20Favela\\_Consolidado.pdf](https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/AM/Anexos/Apresenta%C3%A7%C3%A3o_2%C2%BA%20Forum%20Favela_Consolidado.pdf)>. Acesso em: 13 out 2020.

<sup>2</sup> Mapa da Violência – 2020. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/filtros-series/3/violencia-por-raca-e-genero>>. Acesso em: 13 out 2020.

Percebemos aqui a manutenção do processo de segregação socioespacial de uma mesma parcela da população: mulheres pretas e pobres. Quando pensamos em educação básica, sabemos que é no espaço escolar que também se reproduz o racismo e, por meio da obra de Carolina, é plenamente possível a desconstrução dessa ação, bem como da percepção das violências simbólicas. No Brasil, segundo recente pesquisa do IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, a partir da Lei de Cotas de 2012 (Lei nº 12.711/2012), a população PPI (pretos, pardos e indígenas) teve melhores possibilidades de ingresso no ensino superior, o que nos permite entender que não há uma ruptura do sistema educacional, mas uma pequena fratura nessa estrutura tão marcada pela produção científica branca. “[...] a Lei de Cotas promoveu importantes efeitos sobre o perfil discente nas instituições federais, bem como sobre debate acadêmico, conteúdos abordados e iniciativas direcionadas à permanência estudantil e à extensão de medidas afirmativas na pós-graduação.” (IPEA, 2020, p. 9).

Ainda que, nos últimos anos o Brasil tenha avançado no tocante ao acesso à educação, a numerosa parcela preta é que menos tem acesso ao ensino superior. Em 2001, o percentual de pretos nas Universidades era de 21,9% e passou a 43, 7% em 2015, esses dados revelam um crescimento do ingresso no nível superior, entretanto não discute a permanência desses alunos pretos no ensino superior, temos, portanto, uma contradição marcada pela continuidade e pela descontinuidade: a desigualdade marcada pelo aspecto racial na finalização dos cursos superiores e diminuição das barreiras do acesso à universidade diminuíram.

Em meio a isso, podemos elencar um fator que, em geral, mudou nas favelas, o poder de consumo. A institucionalização de programas sociais de redistribuição de renda, como o Bolsa Família tirou da linha da pobreza e da fome milhões de brasileiros e permitiu acesso a alguns bens de consumo que antes eram impensados como geladeiras e máquina de lavar. Mas, atendo-nos a alimentação é importante salientar que ainda há bolsões de fome reconhecidos no país, entretanto essa não é uma realidade esmagadora, tendo, inclusive o Brasil saído do mapa da fome da Organização das Nações Unidas.

O lugar do negro foi pouco ou quase nada alterado em quase 60 anos, desde a publicação de *Quarto de Despejo*, e as condições de vida nas favelas revelam que há uma “dimensão espacial das relações étnico-raciais” (RATTS, 2003, 2004) ou “uma espacialidade das relações raciais” (SANTOS, 2011, 2012). (CIQUEIRA, p. 75,



2017), que se expressam em todos os segmentos da vida cotidiana, nas mais variadas relações e em diversas escalas, e que de forma geral “define o senso de pessoas negras e de outros pertencimentos raciais”.

Nesse sentido, entendemos que o ambiente escolar pode agir de maneira a reproduzir esse *modus operandi* das diferenciações no espaço ou apresentar novas maneiras de ressignificar como os aspectos raciais, de gênero e classe se apresentam, muitas vezes de maneira conflituosa. A geografia, então, se coloca como parte da formação de alunos e professores na identificação dessas questões em sala de aula e fora – por meio do trabalho de campo. As relações da educação geográfica com os temas de *Quarto de Despejo* se colocam necessárias e urgentes como fundantes da consciência da realidade, pessoal e coletiva.

#### 4. Proposta de sequência didática e trabalho de campo

Segundo Antonio Zabala (1998, p.18), sequências didáticas

são um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos.

Isso é, uma ferramenta que colabora no processo de ensino-aprendizagem, que ordenada orienta a construção do conhecimento, levando em consideração as relações professor-aluno/ aluno-aluno, a utilização do tempo e do espaço, o uso de modelos global e ou integrados, e, avaliação e a sistematização do conteúdo.

A elaboração de uma sequência didática está diretamente ligada à como o professor assume a docência e quais concepções sobre o conteúdo são pertinentes, estimulando o contato e a comunicação com os alunos, bem como a revisão do desenvolvimento da prática pedagógica.

A proposta de Zabala valoriza o conhecimento prévio dos alunos acerca da problemática apresentada, o que se articula com as múltiplas facetas da obra *Quarto de Despejo*, pensando os conteúdos da geografia e a simbologia que podem ser levantadas.

De forma prática, a sequência didática proposta parte dos conteúdos conceituais (1), conteúdos factuais (2), conteúdos procedimentais (3) e conteúdos atitudinais (4), que em uma ordem crescente avançam por aula. O primeiro é dado como um conjunto de fatos, objetos ou simbologia que caracterize uma relação de causalidade. O segundo por fatos, situações, dados ou fenômenos que contextualizam e problematizam. O terceiro propõe a ação coordenada a partir das informações já obtidas que tenham um fim de aprendizagem. Por último, o resultado dessas ações no cenário social, com foco nos valores e no conhecimento a ser compartilhado.

A elaboração da sequência envolve a fundamentação para as percepções pertinentes que cada aluno poderá realizar em campo, desse modo elencamos as seguintes temáticas: raciais, no processo histórico da escravidão e alocação dos escravizados no território, posteriormente, a formação e ocupação do espaço urbano no século XX e consolidação das favelas no século XXI. No âmbito da moradia, explorar os tipos de casa, a luta dos movimentos sociais e ações públicas da promoção do direito à moradia.

Diante da complexidade da obra, acreditamos que o Ensino Médio é o ciclo mais adequado para a abordagem de reprodução do espaço urbano. A proposta de sequência didática envolve os 4 momentos a seguir, distribuídos em 4 aulas 1. Contextualização da obra, 2. Espaço urbano século XX, 3. Espaço urbano século XIX e 4. Movimentos sociais; e como ponto final a construção das trajetórias socioespaciais de cada aluno.

<b>Aula</b>	<b>Conteúdos Conceituais</b>	<b>Conteúdos Factuais</b>	<b>Conteúdos Procedimentais</b>	<b>Conteúdos Atitudinais</b>
1	As relações com a cidade	A São Paulo dos anos 60	Caracterizar os aspectos de classe, raça e gênero	Pesquisar acerca da população paulistana
2	A cidade, a favela e seus ocupantes	Espaço urbano na São Paulo do século XX	Descrever a 'cidade' de São Paulo, em condições de moradia	Relacionar os aspectos de população com os de condição de vida.
3	A cidade, a favela e seus ocupantes	Espaço urbano na São Paulo do século XXI	Descrever a 'cidade' de São Paulo, bem como os seus moradores	Inferir sobre as condições das populações e da cidade
4	O lugar de Carolina e os 'nossos' lugares	Movimento urbano por moradia	Identificar os movimentos sociais que se articulam na garantia da moradia em São Paulo	Praticar a reflexão e o empatia com e sobre os movimentos sociais

Tabela 1: Sequência Didática

A primeira aula da sequência didática é dedicada a incentivar a percepção dos alunos sobre as estruturas das relações da cidade, que compõem o aqui chamamos de interseccionalidade, na São Paulo dos anos 60, por meio de trechos de *Quarto de Despejo*, tal como um já citado nesse trabalho, quando ela compara a casa e o barraco da Favela do Canindé “[...] Cheguei na favela: eu não acho jeito de dizer cheguei em casa. Casa é casa. Barracão é barracão[...].” (JESUS, 1960, p.48).

. Com os trechos lidos pelos alunos, buscaríamos indagar sobre quem parece dizer aqueles trechos, bem como se imaginam a pessoa, o espaço, o lugar de onde fala e para onde vai, com as seguintes perguntas ‘Como imaginam a pessoa que escreveu isso?’ ‘Qual o sentimento que essa pessoa tem a respeito do Lugar onde vive?’ ‘Como, geralmente, são essas pessoas?’.

As perguntas e respostas nos levarão ao entendimento de como os alunos observam a composição racial, de gênero e de classe pautados no trecho do diário de Carolina, de dois pontos de vista, a ‘cidade’ e o ‘barraco’. Ao final da aula, apresentariamos o contexto histórico da obra, e autora, Carolina Maria de Jesus. Como ‘tarefa’ os alunos poderiam pesquisar sobre as condições de vida de 1960 na cidade de São Paulo, e sua população incluso as porcentagens de moradias em favelas, urbanização, entre outros.

Mediante a aula anterior, as respostas socializadas em sala, e os resultados da pesquisa, a segunda aula é uma proposta de compreensão de que cidade era essa do século passado, narrada por Carolina. Espera-se que os alunos consigam perceber que a cidade tinha uma dinâmica de separação por classes, gênero e racial explícita, que indicava os Lugares de cada um.

Mais um trecho seria lido conjuntamente, agora o que ela diz “[...] Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo.” (JESUS, 1960, p.37). As perguntas norteadoras seriam ‘Quem são os moradores do Lugar que a pessoa vive e chama de barraco?’ ‘E quem são os moradores do que ela chama de casa?’. Esperamos nessa aula que os alunos consigam identificar o espaço urbano da cidade composto pela cisão favela-cidade, casa e barraco, as práticas de

comércio, sociais e culturais, e os personagens-reais que faziam parte de cada um desses espaços.

A proposta da terceira e penúltima aula dessa sequência é traçar os paralelos entre a São Paulo do século XX e a São Paulo do século XXI, em uma tentativa de identificação do que se mantém e do que mudou, em um movimento de perceber o debate do conceito de rugosidades, com as continuidades e descontinuidades do processo espaço urbano no tocante às condições de moradia, e a condições de vida da população.

Para tal, os alunos seriam convidados a contar sobre as suas percepções da cidade, fomentado pelas ‘O que é possível identificar de permanência no relato de Carolina?’ ‘O que é possível identificar de mudança?’ ‘Quem são os moradores de cada espaço da cidade?’ ‘Como vocês acham que as pessoas se sentem em cada espaço?’ ‘Os sentimentos de Carolina são ainda comuns?’. Espera-se que os alunos identifiquem as continuidades, tais como o a enormidade de população preta nas favelas, assim como Carolina descreveu, a prevalência de mulheres pretas nesses espaços de moradia, bem como a manutenção do status de classe. Enquanto descontinuidades, espera-se que os alunos identifiquem as possibilidades de acesso aos serviços básicos, principalmente, educação e saúde, ainda que não em circunstância ideais. Intencionamos chegar à seguinte conclusão: Os modelos de corpos que ocupam esses espaços são os mesmos, apesar de alguns avanços na questão social econômica.

No fechamento dessa aula será proposto a seguinte reflexão: ‘Como você se sente na cidade?’ ‘Acha que algum dos sentimentos de Carolina são semelhantes aos seus?’. Essa reflexão é importante no contexto da aula, pois auxilia na reflexão dos conteúdos atitudinais da quarta e última aula, além de colaborar na construção do trabalho de campo a partir da obra.

Na última desse plano, conheceremos sobre os aspectos das moradias de São Paulo e debateremos sobre os movimentos sociais por moradia, em uma tentativa de desmistificar inverdades sobre a atuação. O diálogo partirá do conhecimento dos alunos acerca desses movimentos, tal como o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) e a Frente de Luta por Moradia (FLM), e principalmente, sobre o direito garantido constitucionalmente sobre o acesso a moradia. Identificar e levantar questões que debatam os motivos da falta de acesso, as responsabilidades legais do

poder público, as frentes de atuação e os espaços em que moradias populares são uma realidade, fazem parte da intencionalidade dessa aula.

Esse pequeno conjunto de aulas visa debater sobre a obra e as provocações que suscitadas em âmbito da teoria, mas, de certa forma, as quatro aulas buscam sensibilizar os alunos às condições citadas por Carolina, de modo que os alunos consigam reconhecer nas suas próprias trajetórias as continuidades e continuidades do processo do processo de apreensão da cidade, mas também os seus próprios processos – pessoais – e como agentes de transformação da cidade.

#### *4.1 Trabalho de campo: Trajetórias sócio-espaciais*

As pessoas de um lugar representam as múltiplas facetas da sociedade e as experiências do vivido, é a partir disso que percebemos os lugares dispostos a cada sujeito ainda na infância,

ser negra(o) ou branca(o) não possui sentidos e efeitos idênticos em todos os lugares ou regiões no território nacional brasileiro. Na educação ou no espaço escolar isso não é diferente, a espacialidade força a uma multiplicidade de contextos de experiência (CIRQUEIRA, p. 74, 2017)

É também na escola que podemos propor as mudanças de estruturas e de lugar que cada um de nós deseja estar. Entretanto, é preciso que se reconheça a percepção de cada estudante com esse ambiente já que é possível que, com experiências diferentes, se desenvolvam afetividades diferentes.

Pensando nisso, o geógrafo Diogo Marçal Cirqueira em seu artigo *Racismo e Experiência do Lugar em Estudantes Negras e Negros* propõe um olhar sobre as trajetórias socioespaciais de estudantes negros.

[...] em linhas gerais, trajetória sócio-espacial envolve a historicidade e a espacialidade de vida(s); um conjunto de experiências contidas no espaço-tempo que possuem uma conformação não linear ou contínua. A importância da espacialidade se faz na medida em que as experiências humanas são topocentradas e, muitas das vezes, os lugares demarcam momentos e limites dessas trajetórias no tempo, firmando-se como referências experienciais simbólicas para sujeitos. (CIRQUEIRA, p. 43, 2010)

É nesse sentido, que o professor Diogo Cirqueira, aponta características das trajetórias de alunos negros, as experiências dos estudantes negros nos espaços formais estão carregadas de características ruins, como “medo”, “sofrimento” e

“desânimo”, acarretando impactos na vida estudantil, provando, assim, que o ser negro e o ser branco provocam assimilações diferentes com os espaços.

Portanto, a escola é um lugar da assimilação do ser negro, mas também da construção pessoal e coletiva dessa identificação, e o racismo, como instrumento fundante da sociedade brasileira, bem como as desigualdades de classe e gênero, se expressam nesse lugar e delimitam os acessos.

Diante de todo o exposto nesse trabalho, entendemos a necessidade de se construir uma conexão entre a obra de Carolina e o trabalho de campo, percebendo as relações do presente e do passado, as continuidades e descontinuidades contidas no espaço.

Assim, propomos que os alunos sinalizem o ‘Lugar’; os seus ‘lugares’ de afeição no bairro ou na cidade, também aqueles que lhes remetem a sensações de desafeição, as percepções mais diversas, isso inclui a escola, a casa, os espaços de sociabilidade do cotidiano, e que façam um breve relato dos motivos aos quais associam aquela sensação, tal qual fez Carolina em momentos do diário.

O trabalho de campo nesse sentido, visa espacializar e identificar as nuances da reprodução do espaço urbano e da tríade que compõe a interseccionalidade, aproximando a literatura de *Quarto de Despejo* e as realidades que circundam os alunos e alunas, em uma tentativa de comprovação das continuidades e descontinuidades anteriormente discutidas nesse trabalho e na proposta de sequência didática.

Para tal, propomos aqui o trabalho de campo como finalização da sequência didática, seguindo o sentido de ‘trajetórias socioespaciais’ de cada aluno. Teremos assim, quatro grandes momentos anteriores em sala de aula para a construção das trajetórias socioespaciais de cada um: 1. Os porquês do trabalho de campo, 2. As perguntas norteadoras do trabalho de campo, 3. A construção do mapeamento e 4. A socialização do trabalho de campo.

Os dois primeiros momentos elencados representam a preparação ao campo, isso é, o diálogo que antecede a observação da realidade. Como defendido nesse trabalho, o campo é princípio da formação do estudante e do geógrafo, e por meio da contextualização da importância dele e do fomento sobre o que observar chegaremos no objetivo de reconhecer as múltiplas trajetórias socioespaciais.

O terceiro momento é o mais importante, pois representa, de fato, o aluno livremente a se perceber e reconhecer os seus lugares, a refletir sobre a sua própria trajetória naquele espaço. Tendo como possibilidade a observação de características descritas na obra *Quarto de Despejo*, relembando as falas de Carolina sobre a fome, desigualdade, sobre o ser negro, a pobreza, a favela e a cidade. É, portanto, um exercício de resgate da memória, das sensações, das experiências positivas e negativas do vivido.

Nesse sentido, entendemos que o 'Lugar' se caracteriza pela multiplicidade de camadas e experiências de cada pessoa, de modo a "[...] nos revela mundos particulares que quando compartilhados se tornam cheio de particularidades ainda menores alcançadas nos mais importantes momentos sejam eles, alegres ou tristes, bonitos ou feios, ensolarados ou sombrios." (SOUZA, p.2, 2018). Desse modo percebemos que as possíveis trajetórias estarão carregadas de histórias, porque como dito, o 'Lugar' representado na espacialização se transforma conforme o olhar.

Esse é um ponto do quarto momento do trabalho de campo, a socialização dos mapas. O diálogo, a apresentação dos mapas e o debate, não sobre a pertinência das sensações pessoais, ainda que isso seja possível, mas sobre a construção daquela sensação e afetividade sobre um lugar. É possível e pertinente que os alunos apresentem características e sensações diferentes sobre um mesmo lugar, sobre lugares que se complementam ou que se opõem, de modo a reconhecer as próprias trajetórias semelhantes ou opostas.



## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- ANDRADE, Letícia Pereira de. **O diário como utopia: Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas, 2008.
- AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Pólen Produção Editorial, 2019.
- AZAMBUJA, Leonardo Dirceu. Trabalho de campo e ensino de Geografia. **Geosul**, Florianópolis, v. 27, n. 54, p. 181-195, set. 2013.
- CAMPOS, E. R. T.; RODRIGUES, H. G.; RODRIGUES, D.; BRANT, B. D. F. **Avaliação do trabalho de campo no processo de ensino-aprendizagem de Geografia**. *Revista Cerrados*, v. 15, n. 01, p. 312-329, 17 mar. 2020.
- CIRQUEIRA, D. M. **Trajetórias sócio-espacial de estudantes negras e negros da Universidade Federal de Goiás**. Monografia de Graduação em Geografia. IESA-UFG, 2008.
- CIRQUEIRA, D. M. **Racismo e Experiência do Lugar em Estudantes Negras e Negros**. Geografia, Ensino & Pesquisa, Vol. 21 (2017), n.2, p. 72-87 ISSN: 2236-4994 DOI: 10.5902/2236499424136
- COLTRINARI, L. (1998). **O trabalho de campo na geografia do século XXI**. *GEOUSP Espaço E Tempo (Online)*, 2(2), 103-108.
- CRENSHAW, Kimberlé. **Background paper for the expert meeting on the gender-related aspects of race discrimination**. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2002, vol.10, n.1, pp.171-188. ISSN 1806-9584. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>.
- DAMIÃO, A. P. **Espaço urbano, produção do espaço e segregação socioespacial: o espaço urbano capitalista e o caso de Marília/SP**. *Revista LEVS/UNESP*, n. 14, 2014.
- ENDLICH, A. M. **Campeando em cidades: geografia urbana e trabalho de campo**. *Revista Geoingá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia*. Maringá, v. 10, n. 2, p. 60-77, 2018.
- FARIAS, TOM. **Carolina: uma biografia**. Rio de Janeiro: Malê, 2018.
- GOMES, N. L. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos**. *Revista Currículo sem Fronteiras*, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012.
- JESUS, Carolina Maria de Jesus. **Quarto de Despejo: Diário de uma favelada**. 10.ed – São Paulo: Ática, 2014.

JR. MARANDOLA, E.; OLIVEIRA, L. de. **Geograficidade e espacialidade na literatura.** *Revista GEOGRAFIA*, Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 487-508, set./dez. 2009.

LEITE, Cristina Maria Costa . **O conceito lugar na perspectiva da geografia escolar.** REVISTA ELETRÔNICA DA GRADUAÇÃO/PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO UFG/REJ. ISSN. 1807-9342 Volume 14, N. 2, 2018

LIMA, L. A., SOUSA, R. L., C., ARAÚJO, G. O. de. **A literatura africana e afro-brasileira: o viés literário e suas possibilidades para um trabalho com a diversidade.** *Revista Ensaio e Mutidisciplinaridade*, v. 2, n. 1, jan./jun. 2016.

LUZ, F. C. **A dimensão racial nas políticas urbanas e habitacionais** Revista da ABPN • v. 12, n. Ed. Especial – *Caderno Temático: “Geografias Negras”* • abril de 2020, p. 126-152

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS - Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : história, geografia / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997. 166p volume 5.2. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro052.pdf>. Acesso em: 13 março de 2021.

SANTOS, Renato Emerson dos. (Org.). **Questões urbanas e racismo** – Petrópolis, RJ : DP et Alii ; Brasília, DF : ABPN, 2012. 400p. (Negras e negros : pesquisa e debates)

SAMPAIO, M. R; PEREIRA, P. C. X. **Habitação em São Paulo**, ESTUDOS AVANÇADOS 17 (48), 2003.

SUERTEGARAY, D. M. A. **Pesquisa de campo em geografia.** *Revista Geographia*, v.4, n.7, p. 64-68, 2002.

ZABALA, Antoni. **As sequências didáticas e as sequências de conteúdo.** In: Antoni Zabala / A prática educativa: como ensinar, 1998, p. 53-87.